



Um problema complexo se enfrenta de outra maneira

*Humberto Dantas **

Desafios complexos se caracterizam por não terem soluções prontas estocadas em prateleiras. A partir disso, sob o uso de diferentes ferramentas, devem ser identificados e minimamente mitigados a partir de ações que por vezes precisam romper com o tradicional. Enfrentar desafios dessa natureza requer, assim, adaptação e enfrentamento cultural. Barreiras informais por vezes nos limitam de forma significativa, e liderar nesse universo é persuadir na direção de um caminho que ninguém está enxergando, ou poucos entendem ser razoável.

Isso não significa colocar em risco a vida de parcelas da sociedade. Ou seja: liderar em tempos de pandemia não é dizer que devemos rezar todos juntos dentro de um templo porque nosso Deus é maior que tudo isso. Tampouco arrefecer os efeitos de algo que durante semanas tem nos ensinado muito, ouvindo um astrólogo que discursa afirmando que tudo isso é mentira.

No caso do COVID-19, o Brasil e outras tantas nações, têm uma vantagem expressiva em relação a outros países. Ela é simples: chama-se TEMPO em virtude de uma característica geográfica. Qualquer criança sabe que o problema começou no oriente, ofertando ao ocidente a chance de se preparar. Teve quem acreditou, enquanto muitos fizeram pouco caso do inimigo. Na Espanha, por exemplo, na terça-feira de Carnaval, com a Itália já sofrendo as consequências e escorada sobre previsões terríveis, nada parecia fugir do normal nas ruas. A despeito de avisos e alertas, parte do ocidente subestimou o fenômeno. Segunda-feira dia 23/03 já eram 15.000 mortos espalhados na Terra. Alguns vão dizer: pouco diante dos 7,5 bilhões de pessoas que vivem no Planeta, enquanto outros saberão dimensionar o que isso representa, a despeito de outros males matarem mais. E aqui está o problema: parte expressiva das doenças que conhecemos são desafios GRANDES, enquanto o COVID-19 é um desafio

COMPLEXO. Os grandes nós enfrentamos com o que temos, enquanto o complexo a gente não sabe como resolver.

Para que isso fique claro para as sociedades em geral, precisamos nesse instante de estadistas. Daquela figura “versada nos princípios ou na arte de governar”, ou simplesmente “envolvida em conduzir um governo ou moldar a sua política”. Mas que política? Certamente a que nos sirva de antítese ao populismo, ao discurso fácil, ao servir aos próprios interesses de maneira cega. Sabemos que nossa sociedade tem um vício cultural, e isso representa que ser estadista será algo que afronta valores. Talvez aqui tenhamos que nos adaptar, vencer o medo de dizer não, convencer sobre os caminhos, sair de cena quando for necessário. Deixar de bancar o super-herói ou reconhecer que em nossa equipe existe gente mais bem preparada que nós para guiar a nau é fundamental. Qual o papel de um presidente, nesse instante, se não oferecer absoluto protagonismo para o titular da pasta da saúde? Seria o tempo de demonstrar algum tipo de ciúmes desse sujeito? E o que esse profissional tem feito se não encorajar seus técnicos e acreditar na capacidade extraordinária de todos aqueles que lhe oferecem alternativas, informações, soluções, dados etc.? Perceba: o mundo público é repleto de desafios, pactos, confiança, interdependência. O povo deveria confiar em seu presidente, e ele precisa se mostrar capaz de conduzir uma nação nesse instante. Mas sem uma equipe? Em conflito com ela?

Tomemos o exemplo da Alemanha. O vídeo da primeira-ministra divulgado recentemente é um primor em termos de liderança. Passa confiança, fala no plural sobre o trabalho de toda uma equipe de servidores, discursa com firmeza, é direta e certamente desagrada a muitos que não conc ordam com ela. Mas isso se



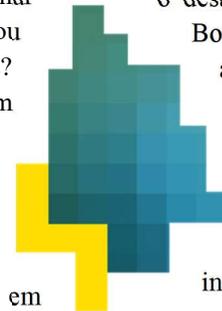


torna menor quando sabemos para onde ir, e conduzimos de maneira exemplar. No Brasil temos um presidente errático, inseguro, que transmite pouca confiança em pronunciamentos, que gosta do conflito e não parece convencido do que está diante de seus olhos. Aprendi a muito custo na terapia que o mundo não está à minha disposição, tampouco gira ao meu redor. Percebi a partir disso, que sou apenas um personagem nesse universo. Um presidente é algo gigante aos olhos de seu povo, mas pequeno em contexto mundial. O problema que enfrentamos hoje é planetário, o que significa que nada é contra o nosso presidente, mas sim exige dele uma postura que represente equilíbrio, pouca violência, liderança, capacidade de aglutinar e render-se ao protagonismo coletivo. Você acha que Angela Merkel acordou um dia pela manhã, ligou uma câmera e postou aquilo nas suas redes sociais? Eu tenho certeza que não. E aqui está a diferença entre o trabalho de um governo plural, e as aventuras de um agente convicto quase singular.

Em meio a toda essa crise, Bolsonaro atacou o Congresso Nacional, desafiando seus presidentes a testarem suas popularidades nas ruas. Ajudou na convocação de uma manifestação em tempos de isolamento, fazendo pronunciamento contrário ao ato onde estava pouco preocupado em desmobilizar e muito concentrado em tratar da legitimidade dos seus nas ruas. No domingo dia 15 saiu de casa depois de seu filho ter dito a um repórter norte-americano, na sexta-feira anterior, que seu pai testara positivo para a doença – o fato foi estranhamente desmentido. Quase 300 pessoas chegaram perto do presidente, que se arriscou como ser humano, como empregado contratado pelo voto para liderar uma nação, como vetor da doença e como líder que deveria estar preocupado com o país. Quando tudo parece ruir, ir aos braços do povo acalenta a alma. De quem? Do populismo.

** Doutor em ciência política, conselheiro e parceiro da KAS em ações de educação política.*

A prova maior do risco a que Bolsonaro expôs os manifestantes, se confirmou na segunda-feira seguinte, quando 12 pessoas de sua comitiva nos Estados Unidos já estavam positivas para o COVID-19. O número já se aproxima de 20, e se o presidente não tem a doença, fez contato com ela e pode ser um transmissor. Simples assim.



Mas os desencontros com a lógica de estadista não deixaram de nos trazer mais exemplos. O noticiário dá conta de dizer que houve consultas em busca de um Estado de Sítio, o que empresta grandes poderes ao Executivo Nacional. Fosse o presidente um estadista e isso poderia até ser ofertado. Para Bolsonaro isso dificilmente ocorrerá, pois não faz sentido algum dar ainda mais poder a quem afronta os demais poderes. Falta política. Falta estratégia, e a sociedade adensa o discurso contrário ao mandatário. Personagens aliados em outrora falam em impeachment e insanidade. Sua popularidade caiu discretamente em março, em levantamento mensal da XP. Hoje tem o apoio de 30% da população, pela primeira vez abaixo dos que o consideram regular, e novamente aquém de quem o desaprova. O Ibope mostrou que em São Paulo, capital, 48% reprovam Bolsonaro, contra 24% que aprovam. Painéis foram organizados em algumas cidades do país e o barulho pouco combina com o que ele colheu em 2018 nesses locais. Para completar, a equipe econômica, superexposta a uma figura única que não tem condições de responder a tudo o que precisamos, dá sinais de fadiga, desgaste e uso de respostas pouco razoáveis e igualmente erráticas. Medida Provisória sobre rumos da economia foi editada e reparada, em claro sinal de incapacidade de pensar o instante.

Por fim, todos sabemos que a imensa onda COVID-19 será sucedida por um provável tsunami de nome Recessão. O que precisamos entender, é que no Brasil corremos o risco de uma crise política que pode se adensar. Nesse instante seria prudente pensarmos em como transformar os recentes episódios em lições para a consolidação de um estadista. Uma liderança que nos mostre nossa capacidade de vencermos esse desafio complexo de maneira democrática.

As opiniões externadas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade de seus autores. Não são necessariamente opiniões da Fundação Konrad Adenauer.